

## A vida como aposta política: uma educação ambiental pensada sob a ótica e ética Foucaultiana do “cuidado de si”

Life as a political bet: an environmental education thought in the Foucaultian view and ethics of "self-care"

La vida como apuesta política: una educación ambiental pensada desde la óptica y ética foucaultiana del “cuidado de sí”

**Rosinei Ronconi Vieiras** - Instituto Federal do Espírito Santo | Núcleo de Educação Ambiental e Agroecologia | Vitória | ES | Brasil. E-mail: rosineirv@hotmail.com 

**Martha Tristão** - Universidade Federal do Espírito Santo | PPGE/UFES | Vitória | ES | Brasil. E-mail: marthatristao@terra.com.br 

**Resumo:** A problematização da Educação Ambiental, da constituição de “si” e a própria vida objetificada com seus assujeitamentos atravessam a proposta de discussão trazida pelo texto. Lançando mão das problematizações empreendidas por Michel Foucault a respeito da importância de pensar nossa própria constituição e a capacidade de mudar o que se pensa e o que se faz, o artigo procura ressignificar a noção de “cuidado de si” a partir do aforismo estoico “altere o valor da moeda” articulando com a necessidade de se repensar determinados valores socioambientais. Considera urgente potencializar a Educação Ambiental com uma guinada ético-política que se configure em novas subjetividades capazes de engendrar um mundo comum.

**Palavras-chave:** Educação ambiental. Cuidado de si. Vida.

**Abstract:** The problematization of the Environmental Education, the constitution of “yourself” and your own life objetified with your subjection pass through the discussion proposal brought by the text. Using the problematizations undertaken by Micheal Foucault concerning the importance of thinking about our own constitution and the ability of changing the way of what you think and do the article seeks giving a new meaning to the notion of “self-care” as of the stoical aphorism “alter the coin value” uttering with the need of rethinking some social-environmental values. It’s considered urgent to potentialize the Environmental Education with an ethical-political turnabout that configures itself into new subjectivities capable of engender a commom world.

**Keywords:** Environmental education. Self-care. Life.

**Resumen:** La problematización de la Educación Ambiental, de la constitución de “sí” y la propia vida objetificada con sus sometimientos atraviesan la discusión propuesta por el texto. Valiéndose de las problematizaciones emprendidas por Michel Foucault acerca de la importancia de pensar nuestra propia constitución y la capacidad de cambiar lo que se piensa y lo que se hace, el artículo busca resignificar la noción de “cuidado de sí” a partir del aforismo estoico “altera el valor de la moneda” articulando con la necesidad de repensarse determinados valores socioambientales. Considera urgente potenciar la Educación Ambiental con un giro ético-político que se configure en nuevas subjetividades capaces de engendrar un mundo común.

**Palabras clave:** Educación ambiental. Cuidado de sí. Vida.

• Recebido em 12 janeiro de 2019 • Aprovado em 8 de fevereiro 2019 • e-ISSN: 2177-5796

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2019v21n1p101-116>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internaonal da CreativeCommons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devido créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

## Introdução

[...] um trabalho, quando não é ao mesmo tempo uma tentativa de modificar o que se pensa e mesmo o que se é, não é muito interessante [...] (FOUCAULT, 2014, p. 234).

Durante uma entrevista, realizada em 1984 e intitulada “O cuidado com a verdade”, Foucault é questionado sobre a mudança que realiza no desenvolvimento da produção de “A vontade de saber” e, nesse momento, sem rodeios, responde: “*Mudei de opinião*”.

Modificar o que se é, modificar o que se pensa: é preciso coragem para fazê-lo. A busca pela modificação do que se é e do que se faz, constituir-se como sujeito ético e se colocar como agente de uma conduta em que se busca produzir outras relações, éticas e sustentáveis, não é tarefa simples e fácil.

Pensar em algo parecido, nos dias atuais, pode até sugerir uma utopia – no sentido mais trivial da expressão – ou, em outros termos, um romantismo – no sentido mais ingênuo do conceito. No entanto, buscar as condições para que, no desenrolar de uma vida, as relações sejam produzidas de forma ético-estética se torna um desafio necessário.

É nesse sentido que nos colocamos a pensar a Educação Ambiental como um movimento, um exercício ético-estético – e sempre político – perante a vida e as relações que nela se estabelecem. Um movimento que busca imprimir um outro “modo de existência” em nossa contemporaneidade.

Um modo de existência que não implique silenciamentos e assujeitamentos do Outro: natureza espoliada, humilhada... pessoas assujeitadas, silenciadas... um exercício que contribua para potencializar outros modos de existência e relações que não apequenem ou apaguem qualquer vida.

Expressar e vivenciar, em tempos atuais, maneiras ou condutas que impliquem outras relações, com o espaço, com o corpo, com a própria vida em geral, corresponde, em nosso entender, um movimento de resistência. Novas resistências que se materializam em ações micropolíticas cotidianas, mesmo que sejam de volume e escala reduzida.

## **Na contramão do mercado**

A inferência que procuramos realizar é de que estamos imersos em diferentes relações de poder. Relações de poder e resistências, como o próprio Foucault (2010) nos ensinou, constituem relações de forças, sendo uma constitutiva da outra. Nesse sentido, realizamos a seguinte problematização: seria a Educação Ambiental um movimento de resistência contra determinadas forças que deterioram e/ou minam as condições de existência, ou seriam essas forças que constituem uma resistência contra a potência de uma vida em comum, contra a sinergia do coletivo presente na vida?

Em ambos os casos nos encontramos num sistema de contraposição, porém com a diferença de que num deles o primado é pela vida coletiva. Se as resistências se constituíram historicamente como formas de luta e oposição a determinados sistemas de opressão, hoje podemos perceber sua complexificação, suas configurações são outras... múltiplas e plurais.

Movimentos micropolíticos, como aqueles pensados por Guattari e Rolnik (2005), que se dão em dimensões diferentes daquelas do Estado e/ou das instâncias político-partidárias instituídas. Movimentos do tipo daqueles que recusam diferentes formas de assujeitamentos e que procuram se afastar de modelos hierárquicos que subordinam e espoliam a vida e tudo aquilo do qual ela depende.

Contudo, não estamos querendo dizer que, ao nível das macropolíticas, esse afastamento dos modelos que espoliam a vida seja impossível. No entanto, pensamos se fazer cada vez mais difícil diante de um cenário em que o capital se infiltra tão intensamente nas esferas políticas tornando-as subordinada ao seu reclame.

Dessa forma, contribuir com a produção de maneiras de viver que escapem da lógica consumista e serializada, seria procurar driblar alguns dos agenciamentos maquínicos próprios do modelo capitalista, mesmo estando imerso dentro de um mundo marcado, codificado, mercantilizado. Em outras palavras seria: mesmo rodeados pela lógica do mercado que se impõe, produzir outros agenciamentos, mais coletivos, solidários e de reciprocidade que não impliquem assujeitamentos ao mercado ou ao capital.

É interessante também lembrar o que esses movimentos buscam, pois, suas lutas são pelo coletivo e não pelo corporativismo. Tomar o coletivo como pauta de luta é colocar à vida como horizonte, numa espécie de reapropriação. Não propriamente “a vida”, no seu sentido

transcendente, mesmo que isso também não pareça absurdo, mas principalmente “uma vida” tomando o seu sentido imanente, como observado por Deleuze (2016).

Outro elemento dentro desta problemática é o fato de que os movimentos atravessados pela dimensão ambiental não correspondem à luta de “amantes” românticos em prol de uma natureza isolada e sem conexão com o mundo “humanizado”. A luta pela floresta em pé, pela água na terra, pelo direito ao ar puro e outras, não são lutas autônomas, individualistas ou de um determinado grupo, nem mesmo são lutas contra o “desenvolvimento”, mas sim movimentos que reivindicam o direito à vida, a uma existência digna, plena e saudável. Uma relação ética e de cuidado com o planeta.

### **Por uma ética-estética da/na existência**

Ao longo de sua trajetória política e produção teórica, o pensador francês Michel Foucault forjou questões e realizou profundas problematizações de grande relevância para se pensar nossa relação com o mundo, com o conhecimento e com nossa própria subjetividade. Dentre essas questões, por exemplo, aquela da epígrafe em que iniciamos nossa escrita. Nela o autor levanta a importância da pesquisa/trabalho como movimento de nossa própria transformação e de nossa relação com o mundo. Na linha desse mesmo pensamento, uma outra que destacamos, pela sua atualidade e capacidade provocativa, é: podemos pensar diferente do que pensamos” (FOUCAULT, 1984).

Essa problematização que o autor faz, no segundo volume da “História da sexualidade”, intitulado “O uso dos prazeres”, realizada mais ao final de sua vasta produção teórica, em que a questão da sexualidade toma uma abordagem de cunho ético-estético e político, torna-se imprescindível, em nossa análise, para problematizarmos os desafios e o campo em que se encontra imersa a Educação Ambiental.

Consideramos bastante provocativo, para se pensar nas relações socioambientais, esse importante movimento teórico-epistemológico do autor. Nele, estudo do “cuidado de si”, ou “práticas de si”, próprio da cultura grega, nas palavras do autor, não se encerra como práticas individuais, mas constitui um processo que engendra o cuidado com Outro. Segundo o próprio autor, “[...] O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a um ‘serviço de alma’ que

comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas” (FOUCAULT, 1985, p. 59).

Esse princípio do “cuidado de si”, desenvolvido pelo autor no último volume publicado da “História da sexualidade”, refletiu-se em maneiras de viver e de se comportar que foram desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas, constituindo-se, assim, “[...] uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (FOUCAULT, 1985, p. 50).

Mesmo que esse princípio tenha mudado ao longo da história e represente um determinado contexto social, pensamos poder realizar uma ressignificação pelo fato de considerar que nele esteja uma interessante provocação para nos indagarmos sobre nossa relação com a “casa”, nosso *oikos*, lugar comum. Acreditamos que “[...] pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê [...]” (FOUCAULT, 1984, p. 15) torna-se imprescindível para problematizar a nossa relação com o meio, com o Outro. Como o próprio autor menciona ao final de sua colocação, tal argumentação é indispensável para continuarmos a olhar e refletir.

É no sentido de tomar o nosso presente como elemento a ser problematizado, sobre o que estamos fazendo e o que podemos fazer com os problemas socioambientais que nos afligem, que pensamos situar a condição e/ou capacidade de poder operar um outro fazer em nosso modo de estar no mundo e em nossas relações.

Nessa análise, quando o autor expõe a relação da liberdade como condição para uma estética da existência, e a ética como o modo de o indivíduo relacionar-se consigo e a partir daí com o mundo, com os Outros, o autor infere, em nosso entender, uma questão relevante para a problemática socioambiental: deixar de ser escravo de meus desejos.

Num mundo onde os agenciamentos<sup>1</sup> operados pelo mercado penetram tão profundamente em nossos desejos, evitar que estes nos escravizem torna-se um desafio essencial. É preciso reduzir o “resto e descuido” de que fala Estamira,<sup>2</sup> ao definir do que é feito as montanhas de lixo

---

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido por Gilles Deleuze em diferentes momentos de sua produção. De caráter bastante complexo, envolve/engloba diferentes elementos e territorialidades. Sugere também um duplo processo de descodificação e desterritorialização. É de caráter multidimensional e coletivo, implicando sempre em multiplicidades. São os agenciamentos coletivos de enunciados responsáveis pela produção de subjetividades.

<sup>2</sup> Estamira é a personagem-título e protagonista do documentário ganhador de vários prêmios nacionais e internacionais produzido em 2005 por José Padilha e Marcos Prado. O documentário retrata a vida de uma catadora de lixo no aterro do Gramacho, na Baixada Fluminense, uma senhora com mais de 60 anos conhecida como a “louca do lixo”.

do aterro de Gramacho no Rio de Janeiro; reduzir as montanhas de lixo do mundo, de nossas comunidades, de nossas instituições e abolir o tratamento dado à vida, a qualquer vida, como lixo.

Dessa maneira, produzir/operar outros agenciamentos passa por um processo complexo de ação em várias frentes. Em relação à Educação, por exemplo, compreende repensar e/ou potencializar os processos formativos e curriculares, os projetos desenvolvidos, as aulas “dadas”, os eventos que ocorrem etc., alimentando-os de componentes ético-estéticos com a observância da sustentabilidade como uma linha de força, fluxo intensivo imprescindível de/para ser acompanhado.

Potencializar o cuidar de si e do Outro. Cuidar mais e descuidar menos! Quem sabe aí não resida uma importante questão para se pensar que, ao cuidar de si, – com tudo que implica esse cuidado – podemos estar contribuindo com a constituição de outros mundos e modos de existir. Eis o desafio.

Desafios que ganham magnitude em face de um sistema econômico excludente e concentrado em que impera uma lógica mercadológica e consumista. Sistema que se reorganiza, se metamorfoseia e procura se espriar ao nível intrapessoal e/ou molecular, objetivando criar e fornecer indivíduos com padrões de comportamento, consciente ou “inconsciente” (LAZZARATO, 2014).

Essa análise que Lazzarato (2014) faz do capitalismo, como máquina de produção de subjetividade, tendo entre os intercessores principais Deleuze, Guattari e Foucault, é extremamente rica e pertinente para problematizarmos o presente no qual nos encontramos, cuja lógica mercadológica e competitiva parece impregnar não apenas o comportamento empresarial, como também algumas relações sociais.

Interessa-nos aqui a análise que Lazzarato (2014) elabora a respeito da subjetivação política em Foucault, que para ele é indissociável de um *ethopoiesis* (uma formação do *ethos* e a relação consigo mesmo). Para Lazzarato (2014, p. 194) “A necessidade de conjugar a transformação das instituições, as leis e a transformação de si, dos outros e da existência, constitui, para Foucault, o próprio problema da política [...]”. É com essa perspectiva que Lazzarato, lançando mão dos estudos de Foucault, principalmente de suas análises sobre a

“verdade” e o ato de “dizer a verdade” (*parresia*)<sup>3</sup> do mundo grego, busca problematizar a produção de subjetividades operadas pelo capitalismo contemporâneo.

Fazendo uso da vida e da filosofia dos cínicos<sup>4</sup>, Foucault, na ótica de Lazzarato (2014), observa que os cínicos realizam uma subversão da ideia filosófica – presente em Sócrates e Platão – de uma “verdadeira vida” para se pensar na ideia de uma “vida outra” / “mundo outro” em que a produção de outros processos de subjetivações e novas relações neste mesmo mundo sejam possíveis.

Essa problematização realizada por Foucault (2011) e ressignificada por Lazzarato (2014), em nosso entender, constitui-se como um elemento marcante para uma crítica ao processo de espoliação e modelização consumista operado por esse sistema e, ao mesmo tempo, toca em outras questões, que acreditamos serem cruciais para (re)pensar nossa relação com o espaço: que processos de subjetivação estão sendo engendrados pela Educação Ambiental?

De forma análoga à problematização realizada por Foucault (2011), em suas últimas aulas no Collège de France, em 1984, sobre os cínicos, com sua filosofia por uma “vida outra” – no lugar de “outra vida”/“outro mundo” – e seu aforismo, “altere o valor da moeda”, cujas implicações expõem uma ética consigo e com Outro a partir da constituição de um outro modo de vida, pensamos se não seria possível e interessante também problematizarmos, respeitando as particularidades e os contextos, no potencial que possuem os processos engendrados pela Educação Ambiental, para inventar outros modos e mundos.

Seria, também, pensar no potencial que esses processos, atravessados por uma dimensão ambiental, apresentam para afastar-se da subjetivação produzida pela máquina do capital.

Acreditamos importante, nesse momento, fazermos a ressalva de que pensar no potencial da Educação Ambiental, não desconsidera uma determinada apropriação que os mecanismos de poder realizaram sobre o pensamento ambiental e, ao mesmo tempo, sobre a noção de sustentabilidade.

---

<sup>3</sup> *Parresia* corresponde a uma palavra de origem grega cujo significado remete à “palavra franca”, “dizer a verdade”. Embora de grande relevância nos estudos foucaultianos a respeito do “cuidado de si” no mundo grego, mesmo correndo riscos, optamos por não nos adentrarmos em sua análise pela envergadura que tal empreitada implicaria.

<sup>4</sup> Corrente filosófica do mundo grego, cuja origem remonta a Antístenes, um discípulo de Sócrates, mas que encontra em Diógenes seu mais fiel representante. Essa corrente filosófica foi estudada por Michel Foucault e está retratada na publicação de seu curso “A coragem da verdade”. A *Parresia* representava a característica maior do cínico. Falar a verdade sem nada esconder e buscar a felicidade que se encontra dentro de nós e que não depende de coisas materiais.

Nesse sentido, consideramos imprescindível extrapolar os significados e valores atribuídos à Educação Ambiental potencializando outras configurações, diferentes modos e relações socioambientalmente responsáveis e comprometidos com uma “existência bela”.

### *Parakhárattein tò nómisma*<sup>5</sup>

Algumas das provocações que buscamos considerar residem no ato de colocar o próprio pensamento em discussão, problematizar suas/nossas próprias ideias e a noção de verdade e razão que permeia o nosso presente, pensar em como nos constituímos e em como chegamos a pensar como pensamos e, nesse sentido, se é possível pensar diferente. Se é possível “mudar o valor da moeda”.

Foucault (2014), em seus últimos meses no Collège de France, ao fim de seus estudos sobre o cinismo antigo, expõe toda uma importante formulação não apenas conceitual, mas principalmente ética e política, na qual está em jogo a constituição de um “mundo outro”, uma “vida outra”.

Se, para Sócrates – considerado um dos mais sábios filósofos –, o oráculo de Delfos exhibe a máxima “conhece a ti mesmo”, cujas implicações possuem forte caráter identitário, para Diógenes – representante da filosofia cínica – o oráculo aconselha: “modifica o valor da moeda”.

Esse “modificar o valor da moeda” possui várias interpretações, no entanto Foucault (2011) observa uma importante mudança, uma inversão subjetiva em que política e ética se tornam indissociáveis. O autor levanta algumas diferentes concepções com que foi pensado esse preceito cínico de “alterar o valor da moeda”, porém considera mais interessante salientar “[...] a aproximação que há – e que a própria palavra indica – entre moeda e costume, regra, lei. *Nomisma* é a moeda. *Nómos* é a lei. Mudar o valor da moeda também é tomar certa atitude em relação ao que é convenção, regra, lei [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 199). É esse o sentido que o autor se propõe reter ao reforçar que “O princípio de alterar o “*nómisma*” também é mudar o costume, romper com ele, quebrar as regras, os hábitos, as convenções e as leis [...]” (p. 213).

É interessante a observação que o autor faz desse princípio, pois nele a palavra “alterar”, “mudar” (*Parakharáttein*) não significa desvalorizar, mas sim,

---

<sup>5</sup> Expressão grega, atribuída aos cínicos pelo oráculo de Delfos, cuja tradução pode ser: “modifica o valor da moeda”. Diversas interpretações podem e foram feitas, no entanto ficaremos com a que se aproxima da ideia de repensar nossos valores em nossas vidas.



[...] a partir de certa moeda que traz certa efígie, apagar a efígie e substituí-la por outra que representará muito e permitirá que essa moeda circule com seu verdadeiro valor. Que a moeda não engane sobre o seu verdadeiro valor, que lhe restituam seu valor impondo-lhe outra efígie, melhor e mais adequada [...] os cínicos não mudam, de certo modo, o metal dessa moeda. Mas eles vão modificar a efígie [...] (FOUCAULT, 2011, p. 200).

É principalmente nesse ponto que acreditamos, no princípio délfico exposto, residir importantes implicações para o plano problemático que nos propomos pesquisar, pois, imersos nesse mundo impregnado pelos princípios do mercado globalizado e por relações contaminadas pela lógica exploratória, competitiva, produtivista e excludente, torna-se indispensável não apenas opor-se, mas inventar, imprimir outra efígie para essa realidade, para esse nosso momento presente. Portanto, potencializar a Educação Ambiental para que seja capaz de contribuir com a produção de uma “vida outra”. Buscar/produzir o “o melhor do mundo” no lugar de procurar “um mundo melhor”. Desviar-se do mundo com hábitos insustentáveis criando ou propondo outras imagens, hábitos e maneiras de ser, estar e fazer.

O estudo do mundo grego, em particular dos estoicos e principalmente dos cínicos foi imprescindível para Foucault formular uma “estética da existência” em que a vida, concebida como uma “obra de arte”, enriqueceria nossas relações com o mundo em nossa volta. É com essa perspectiva que os cínicos representam o momento em que a ascese de si vale tão somente na medida em que é dirigida aos outros. O cuidado de si se torna precisamente o cuidado do mundo (FOUCAULT, 2011).

Cuidado com o mundo, cuidado nas relações com o outro. É com esse sentido e com o exposto até o momento que buscamos problematizar o papel da Educação Ambiental como movimento social não apenas de contraposição ou de oposição, mas num sentido primeiro: como movimento de afirmação, de tomada de posição, potencializador de práticas de liberdade. Uma liberdade como condição ontológica da ética e esta como a forma refletida assumida pela liberdade, ou seja, uma ética como prática de liberdade (FOUCAULT, 2010).

Uma Educação Ambiental, portanto, como prática de liberdade que cria, provoca e potencializa novas/outras possibilidades de ser e estar no mundo. Em outras palavras, procuramos pensar a Educação Ambiental como processo/movimento ético, de (re) existência, que implica uma “vida outra”, em outros modos de existência.

A aposta em potencializar outros modos de existência é também uma aposta política, estética e ética. Uma ética como filosofia de vida, a arte da vida; arte e filosofia não da vida

orgânica, mas da “boa vida”, da “qualidade da vida”, do “sentido da vida” (LEFF, 2012) ou mesmo no sentido de fazer da existência uma “obra de arte” (FOUCAULT, 2010).

### **Movimentos de “reexistências” em diferentes territorialidades**

O sociólogo mexicano Enrique Leff, ao problematizar a reinvenção existencial do território, lança mão dos estudos realizados pelos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari a respeito dos conceitos de des/re/territorialização para imprimir tal perspectiva em sua análise da luta pela reapropriação sociocultural e ambiental que diferentes povos e etnias vêm realizando. Na concepção desse sociólogo, “[...] Deleuze e Guattari abrem novos caminhos do pensamento [...]. O território adquire um sentido categorial, filosófico e existencial [...]” (LEFF, 2016, p. 453).

O autor, analisando as diferentes concepções e apropriações realizadas pelos pensadores franceses quanto aos processos de des/re/territorializações, faz também suas próprias ressignificações desse pensamento e observa que

Deleuze e Guattari estendem o conceito de território aos âmbitos da estética da vida e da política do corpo. Falaram assim dos refrões que configuram territórios: dos ritmos, melodias e contrapontos que compõem a harmonia da vida em um devir espaço-temporal. Esses territórios não somente re-montam o espaço físico, marcam uma geografia, definem a forma de lavar a terra e os modos de habitar um mundo. O território vem redefinir o próprio *habitar*, o *habitus* e o *habitat*. O território é corpo e alma: transluz na máscara e na maquilagem; configura-se nas identidades de gênero que figuram e transfiguram o corpo, que transmutam o gesto e simulam a imagem em que o indivíduo se reconhece (LEFF, 2016, p. 455).

Reconhecendo que a amplitude do conceito de território extrapola a noção usual de um espaço físico-geográfico para abranger o corpo, a imaginação, as subjetividades, o desejo, podemos inferir que os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização também se dão em outros domínios, como no jogo captura, sedução e agenciamento realizado pelo sistema econômico globalizado sob a influência do capitalismo. Sistema esse que busca tanto territorializar (ou reterritorializar) sua influência sobre os corpos e lugares quanto desterritorializar esses corpos e lugares de qualquer perspectiva que implique uma outra lógica, um outro modo que não seja produtivista e/ou consumista.

Estendendo sua análise, o sociólogo mexicano percebe um outro movimento se configurando, no qual estão implicadas a reinvenção de identidades e a territorialização de outras racionalidades. Nesse aspecto, o autor comenta que

A resignificação da natureza depois da década de 1960 impulsionou a emergência de novos protagonistas no campo da ecologia política, sobretudo a dos povos da Terra e dos ecossistemas, cuja cultura está entrecida na natureza de seus territórios: os povos indígenas, afrodescendentes, camponeses e ribeirinhos. Novas identidades coletivas foram surgindo a partir de diferentes condições étnicas e das relações culturais com a natureza, das práticas sócias e os modos de ser dos habitantes das zonas rurais (LEFF, 2016, p. 456).

Esses atores sociais vêm resistindo e/ou jogando com as tentativas de absorção realizadas pela globalização econômico-financeira e lutando pelos seus direitos à cultura e ao território. É nessa perspectiva que o autor considera:

[...] estes processos de resistência se convertem em movimentos de *resistência*. Estas populações não somente resistem contra a desapropriação e a desterritorialização: redefinem suas formas de existência através de movimentos de emancipação, reinventando suas identidades, seus modos de produção e suas práticas de subsistência (LEFF, 2016, p. 456, grifo do autor).

Essas resistências e jogo com as imposições do grande capital e de sua lógica, bem como uma recusa às suas regras de apropriações, têm levado essas populações a um reclame pelos seus direitos que implica uma revalorização de seu espaço ecológico-cultural com suas práticas produtivas e sociais (LEFF, 2016).

O autor mostra que, após a resistência à colonização moderna, novas perspectivas para a produção da sustentabilidade estão surgindo da legitimação dos direitos dos povos indígenas a seus territórios e se confrontando com diferentes estratégias de apropriações da natureza. Nesse sentido, Leff (2016) observa que

[...] O que está em jogo nestes conflitos derivados dos choques de caminhos alternativos para a sustentabilidade não é a distribuição dos benefícios da apropriação tecnocômica da natureza, mas antes a resistência dos povos da Terra, mobilizada pelos movimentos socioambientais do Sul e da América Latina [...] (p. 460).

Vários exemplos, nos são dados pelo autor, ao lembrar os seringueiros da Amazônia brasileira e sua luta pelo direito à terra e por um outro modo de produção em que as condições de sobrevivência – tanto humano/comunitário quanto da floresta e de todo o ecossistema – não sejam colocadas em xeque por um modelo devastador.

Podemos lembrar, também, as reservas de pescas dos habitantes das margens do rio Amazonas que integram condições ecológicas nas práticas extrativas a partir de um diálogo de saberes entre técnicos e “caboclos” cuja introdução/criação de um “salário-defeso”<sup>6</sup> contribuiu como instrumento para o cuidado e conservação de espécies. Os pescadores dessas reservas enfrentam conflitos territoriais derivados de um modelo empresarial de apropriação da natureza que não considera sua capacidade de recuperação colocando em risco a sobrevivência do modo de vida desses moradores e de diferentes espécies da fauna aquática amazônica, bem como desse ecossistema.

Outro exemplo, ainda, seriam as experiências de manejo florestal comunitário no México em detrimento da devastação agressiva, criminosa e cruel praticada durante o processo de colonização e que, infelizmente, ainda não está abolido.

Temos assistido nas últimas décadas – embora com alguns retrocessos e respeitando os diferentes contextos – ao delineamento de um processo de reterritorialização – física e simbólica – desses espaços/lugares. Uma reterritorialização que se mostra com diversas nuances em diferentes lugares.

Podemos perceber que o que se coloca traz implicações para o campo no qual se encontra a Educação Ambiental. Implicações que desafiam seus limites teórico-epistemológicos e expõem uma multiplicidade de possíveis existentes.

Nesse aspecto que Tristão (2013) nos traz uma contribuição interessante ao observar que ao falarmos de Educação Ambiental não se trata propriamente de uma disciplina, mas sim de uma filosofia de vida. A autora observa a importância das práticas e dos significados socioculturais que determinados povos possuem e desenvolvem, lembrando que muitas dessas práticas se constituem como experiências de práticas sustentáveis que precisam ser potencializadas.

### **A Educação Ambiental e o Cuidado de Si: alguns agenciamentos possíveis**

Sabemos que é o sujeito, e não o poder, o tema central das pesquisas e problematizações realizadas por Michel Foucault, segundo ele mesmo afirma. Nesse caso, interessa-nos entender como ou por meio de que processos esse sujeito é constituído e se constitui. Ao mesmo tempo

---

<sup>6</sup> Auxílio recebido por pescadores na forma de salário durante o período do defeso em que a pesca é proibida para proteger os ciclos de desova e a reprodução de várias espécies aquáticas.

que “ser sujeito” implica “estar sujeito”, ou seja, uma sujeição, podemos também pensar que diferentes outros processos estão constantemente participando dessa nossa produção de subjetividades e nos constituindo.

Acreditamos que, mesmo governados, também podemos, ou temos alguma condição, ainda que parcialmente, de nos governar. O professor Sílvio Gallo (2015), durante uma conferência sobre biopolítica realizada pelo Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), faz menção ao trabalho de uma filósofa francesa, Muriel Combes, o qual discute a biopolítica a partir do que ela chama em Foucault de “virada subjetiva”.

Segundo Gallo (2015), essa virada se dá em função de o autor, em princípio, pensar no sujeito como efeito das relações de poder nesse jogo biopolítico e, em seguida, cada vez mais, Foucault se envolve com a constituição de si, a questão ética do cuidado de si. Esse envolvimento cada vez maior não implicou um abandono do tema poder.

É com a perspectiva de pensar essa constituição de si, que implica o reconhecimento do outro como processo de subjetivação que se produz permanentemente ao longo de nossas relações, que acreditamos poder situar as condições para um “mundo outro”, uma “vida outra”, ou mesmo um “enriquecimento das relações com o mundo”. Portanto, um processo aberto que não está determinado.

Uma importante lição de Foucault (2014) nesse caso consiste em nos afastarmos de concepções fundamentalistas, sejam elas quais forem, pois, a realidade social depende das condições mesmas que os indivíduos produzem em sua prática. O cuidado de si, nesse caso, depende de nossas práticas e de nossas experiências com os outros.

Se esse cuidado de si se relaciona com práticas concretas que implicam a relação com outros, este, em hipótese alguma, corresponde a um exercício individual e solitário. Pelo contrário, realiza-se em espaços cotidianos com os quais estamos em constante interação com a diferença e com diferentes elementos.

Se, em Foucault (2014), o “cuidado de si” e/ou a “estética da existência” representou a afirmação de uma perspectiva e aposta num processo de produção de subjetividades ou num processo que poderíamos chamar como desassujeitamento, em Guattari e Rolnik (2005) e Guattari (2012) os agenciamentos constituem, contribuem e participam dos processos de produção de subjetividades, como é apresentado pelo autor:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 39).

Somos agenciados de diferentes maneiras, por diferentes elementos e acontecimentos que participam da produção de nossa subjetividade. Esse processo é social e coletivo e, aqui, o coletivo extrapola a dimensão humana e pessoal. Estamos pensando, por exemplo em alguns elementos de natureza extrapessoal interagindo com os processos de produção de subjetividades, principalmente elementos ecológicos: o elemento água, por exemplo, com toda a problemática que o acompanha, de que afetos foi capaz? Até que ponto temos nos sensibilizados em torno desse elemento com sua problemática e percebido o quanto dele somos dependentes? O que estamos buscando problematizar, acompanhado pelo pensamento de Guattari e Rolnik (2005) e Guattari (2012), com seu “paradigma estético”, neste caso, é de que forma essa produção de subjetividades pode compor com alguns desses afetos provocados por essa rede de agenciamentos e “pôr em causa” o conjunto das formações de poder capitalístico que permeiam todo esse processo.

### **Nesse sentido, consideramos que,**

Da mesma forma, também, se faz pertinente e necessário pensarmos e discutirmos até que ponto a Educação Ambiental tem se configurado como elemento agenciador de outras subjetividades. Inclusive como processo e/ou movimento capaz de engendrar outras maneiras de existir e se relacionar.

Nesse sentido, vale a pena recordarmos alguns de seus princípios, como aqueles em que se procura desenvolver uma consciência ética e de respeito na relação com a “natureza” e todas as formas de vida com as quais compartilhamos esse planeta, ou mesmo, que a Educação Ambiental não é neutra, mas sim crítica e política.

Vale a pena, também, lembrarmos que na gênese da Educação Ambiental encontra-se a contestação, a provocação e rebeldia em relação a determinados padrões e modelos.

É essa perspectiva que acreditamos poder ser potencializada e, com isso, criarmos as condições para traçarmos coletivamente, respeitando todas as diferenças, um caminho comum e sustentável em que a vida, natureza, liberdade, ética e respeito façam parte do mesmo cenário de construção de um mundo por vir.

## Referências

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... Tradução de Sandro Kobol Fornazari. **Revista Limiar**, Guarulhos, v. 2, n. 4, p. 178-181, jul./dez. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. v. 5.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: FOUCAULT, Michel: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GALLO, Sílvio D. de O. **Biopolítica e educação**: novos dispositivos de subjetivação. *In*: COLÓQUIO LATINO AMERICANO DE BIOPOLÍTICA, 5., 2015, Campinas, SP. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GWxjKPZ12co>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1 Edições, 2014.

VIEIRAS, Rosinei Ronconi; TRISTÃO, Martha. A vida como aposta política: uma educação ambiental pensada sob a ótica e ética Foucaultiana do “cuidado de si”.

LEFF, Enrique. **A aposta pela vida**: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEFF, Enrique. **O saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRISTÃO, Martha. Uma abordagem filosófica da pesquisa em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 847-860, out./dez. 2013.